COMENTÁRIO DO TEXTO "A SITUAÇÃO DA PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DO PSICANALISTA EM 1956"

Ângela Diniz Costa

Em seu texto "A situação da psicanálise e formação do analista", Lacan afirma haver nesse título uma certa malícia e enuncia que há um entrelaçamento entre o que constitui a formação do analista, que ele coloca como válida, e a verdadeira situação na qual se encontra a psicanálise àquela época.

Nesse texto, Lacan realiza um minucioso julgamento da situação da psicanálise anunciado como sendo importante de se realizar na medida em que comemorar o centenário de um nascimento é raro, e se o comemora é por suposto que a obra desse homem (referindo-se a Freud) evoca a sobrevivência.

Então, é necessário "denunciar as aparências" num comprometimento até o "limite do possível...com a história em ação da psicanálise".

A formação do analista, tal como elaborada por Freud (1), constitui-se a partir de três aspectos: análise pessoal, análise de controle e a formação teórica.

Mas essa tríade pode resvalar, tal como a história da psicanálise nos revelou, para uma formação- tipo, resumindo a formação almejada a um formalismo instituído.

Para Freud, a análise pessoal é fundamental, na medida em que a

formação visada diz daquilo que funda e justifica a psicanálise: o saber inconsciente, que se produz a partir das manifestações do inconsciente, como um saber no lugar da verdade.

Assim, retornamos ao texto de 1956 e o tomaremos como fio condutor de uma reflexão sobre quais foram os movimentos que se transcorreram na situação da psicanálise em nossa atualidade.

No texto de 56, Lacan interroga *Como se pode ser psicanalista? Pois se pudemos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a psicanálise que decide sobre a qualidade do analista"*(2) Aqui claramente Lacan toca a questão de como a formação do analista se entrelaça com a experiência analítica.

Assim, a concepção de um final de análise como identificação ao analista propicia os fenômenos do ideal do eu, fazendo predominar as capturas do poder e da mestria, os efeitos imaginários de rivalidade e disputa inerentes à formação do eu, e a crença num saber atribuído ao Outro; além de se tornar uma maneira segura de *"evitar no analista a apreensão de seu estatuto no final de análise, mantendo via narcisismo o caráter privado, inarticulado, e obscuro o inacessível da transmissão da experiência"* (3).

Desse modo, a transmissão da experiência, ponto pivô da formação, é deixada de lado; os dispositivos que a IPA utiliza para a nomeação têm um grau único de hierarquia, denominado por Lacan como o da suficiência. *"Eis portanto, a organização que obriga a fala a caminhar entre dois muros de silêncio, para ali realizar as núpcias da confusão com o arbítrio. Ela (a fala) se ajeita com isso para suas funções de promoção: as suficiências regulamentam a entrada dos sapatinhos apertados..."* (4).

Logo, trago uma primeira questão: ao se referir que é a psicanálise que decide a qualidade do analista; não poderíamos relacioná-la com *"o analista se autoriza dele mesmo"*(5); ou seja, o analista se autoriza desde o ponto ao qual sua análise o levou?

Autoriza-se dele mesmo, constitui uma maneira distinta de conceber sobre o lugar da experiência analítica na formação de um analista.

Em 56, Lacan já apontava *"Não somos nós aqui que proferimos um julgamento; foi nos círculos dos didatas que se postulou e se professa a teoria que confere como finalidade à análise a identificação com o eu do analista"* (6). Desvio apontado por Lacan sobre o lugar que o trajeto analítico tem na formação da IPA: um modelo de autorizar-se de seu eu.

O autorizar-se de seu trajeto analítico é também, como Lacan aponta num *a posteriori*, autorizar-se de alguns outros, o que quer dizer autorizar-se

da instituição mínima que formaria alguns outros ao redor do analisante.

A nomeação dos analistas constitui o ponto central ao redor do qual se estabelece a subversão de Lacan, ao propor o procedimento do passe para a nomeação dos analistas, que ao permitir a elaboração de um saber sobre seus finais de análise, e assim garantir uma seleção de analistas para um grupo cujo dever fosse suportar a experiência analítica: uma Escola.

Assim me parece que quando Lacan em sua *Proposição de 9 de outubro de 67 sobre o psicanalista da Escola* afirma *"que há um real em jogo na formação do analista"*, não se trata somente de um real em jogo na cura, pois esta afirmação concerne a uma política da psicanálise, sendo que esta política influi sobre os procedimentos implicados nos títulos de sua Escola.

AME – é a Escola que o reconhece como analista. A iniciativa da garantia é a iniciativa da Escola. Título outorgado pela Escola, e não demandado.

AE - aquele que se encarrega de poder testemunhar dos problemas cruciais, dos pontos candentes para o analista. Título que implica que alguém o demande.

Assim o real que se trata na *Proposição*, não é um real que se coloca somente na cura, senão é também um real que tem uma correspondência na instituição analítica, tal como proposto por Lacan em seu Discurso à EFP em 67, quando ao se referir a sua Proposição, diz que ela fracassa para aqueles que separam o ato analítico que institui o psicanalista, do ato psicanalítico como tal.

Aqui me parece haver uma referência explícita aos que pensam que a instituição é que seria o agente do ato analítico.

Para Lacan, o ato que institui o psicanalista na cura é inseparável do ato político em si. Assim poderíamos pensar que a política institucional visada por Lacan enquanto conseqüência de seu ensino é uma resposta:

- à própria direção da cura
- sobre a eficácia da psicanálise, que é formar, produzir um analista
- à introdução de uma *tiquê* no *autômaton* da hierarquia institucional
- no recrutamento *"sugiro-lhes a partir daquilo que tive de refundar de um Outro grupo: a Escola Freudiana de Paris, que o analista chamado para se dizer da Escola – AE, de agora em diante seja recrutado, e nada o obriga; pois à alguns a Escola lhes reserva o título de AME"* (7).

Então, não há separação entre a cura e o político, enquanto duas vertentes do mesmo ato. Tanto na cura quanto na insituição, o ato analítico instaura no analisante o desejo do psicanalista, desejo graças ao qual o ato, como diz Lacan fracassa *"da boa maneira"* (8).

Sabemos que os finais de análise não se equivalem. Demandar o passe

constitui tão somente uma das boas maneiras (há outras, tais como já explicitados por Lacan: fazer do analisante um erudito que possa voltar a seus estudos; ou alguém que se dedique a formar uma família) de se cumprir aquilo que é sempre um fracasso; afinal isto se relaciona com a natureza do ato analítico que em sua natureza é falho.

O que se evidencia é que para Lacan o decidir-se analista é a partir da experiência de um trajeto analítico e não de uma candidatura.

Um ponto de conclusão

A partir do julgamento realizado por Lacan em 56 da Situação da Psicanálise e sua relação com a formação do analista; e do que podemos depreender do percurso de seu ensino, a Escola do Passe é um legado lacaniano com a intenção de fazer emergir uma formação válida, que diz de como uma psicanálise verdadeira decide da qualidade do analista.

Por isso, estabelecer *"um estudo da situação do psicanalista seria edificante de ser estendido até os efeitos do estilo de vida do psicanalista"*.(9)

Estilo que em seu texto de abertura dos *Escritos*, Lacan coloca *"é o objeto a que responde à pergunta sobre o estilo. Objeto que como causa de desejo revela 'em que o sujeito se eclipsa, suporte do sujeito entre verdade e saber. Queremos, com o percurso de que esses textos são os marcos, e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma conseqüência em que ele precise colocar algo de si"*.

Essa é a maneira que Lacan nos convida a ler seus *Escritos*, apontando-nos que colocar de sua parte face ao objeto que é causa, é um trabalho permanente na medida em que se trata da transmissão da psicanálise. Na psicanálise trata-se de transmitir o saber de uma operação na qual se conduz o saber ao lugar da verdade, ao se propor averiguar a relação do sujeito com seu mais de gozar.

Não é pela transmissão desse saber que a psicanálise pode buscar não ser uma verdade esquecida?

Assim podemos dizer que Lacan é freudiano em seus princípios éticos, pois não abandonou o tripé constituído por Freud para se referir à formação do analista; tanto que ele não se recusou a organizar um programa de estudos para os analistas.

Lacan soube ler em Freud que a *"visada da formação do analista, ou o que funda e justifica a psicanálise é o saber inconsciente, que se produz a partir das manifestações inconscientes, um saber no lugar da verdade"*.(10)

Então a crítica esboçada por Lacan em 56, antecipa aquilo que em seu Discurso à EFP elabora sobre sua Proposição, ao referir-se que não é a instituição que agencia o ato analítico (a IPA regulamentava a lista dos didatas, a eleição dos candidatos; bem como determinava que a análise de controle deveria ser feita com um analista distinto daquele com quem se realizava a análise didática; bem como regulamentava sobre o número de horas, ou de anos de uma análise para poder se candidatar, etc).

Dessa forma, a IPA ao separar o ato analítico do ato político, o que se refere a uma política de direção de cura nos possibilita dizer com Lacan que também foi assim que a IPA não deixou lugar para o inconsciente ser o furo do todo-institucional.

Referências bibliográficas

1. FREUD, S. *A questão da análise leiga.* 1926. Edição Standard Brasileira
2. LACAN, J. *A situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In:* Escritos, JZEditor, 1998.
3. Akves Stélio Lage. In: *Fascínnio e Servidão.* Editora Autêntica.
4. LACAN, J. *Ibidem.*
5. _____ *Proposição de 9 de outubro de 1967.*
6. Idem referência 3
7. LACAN, J. *Nota aos italianos.*
8. _____ *Proposição de 9 de outubro de 1967*
9. _____ *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 56.*
10. THÁ, Fábio. *Algumas notas sobre a formação em psicanálise.* Letras da Coisa, nº 14. Publicação de Coisa Freudiana, Curitiba.